

Gaiato

**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 1 de Setembro de 1984 * Ano XLI — N.º 1056 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

REFLECTINDO

Por
Padre Carlos

É da experiência universal — e por isso mesmo o Evangelho guarda a lição — que onde o homem semeia trigo sempre nasce o joio.

— Quem foi, Senhor, que o semeou?

— Foi o homem inimigo.

Por isso o trabalho que devia ser só alegria, é também pena; e o pão não se come sem suor nem nada de bom se realiza sem contradição.

Assim sucede, pois, nos campos da formação do homem. Porque eles são, por excelência, o alfobre das gerações vindouras, ei-los também o centro preferencial de infiltrações.

As áreas da Educação e da

Solidariedade Social estão neste domínio. E a Igreja, pioneira nas referidas áreas, é alvo tradicional de contestação.

«A Igreja! A força irresistível da Mãe! Quem é que ensinou a ler? Quem deu pão? Quem curou feridas? Quem arroteou? Como gosto de mergulhar nestas verdades da história! Vinte séculos não A perderam. Outros tantos não A perdem. (...) Nem apostasias, nem deserções, nem fraquezas — nada. Nada Lhe toca. Nada A diminui. Ela é a Mãe!»

É de notar que neste hino belíssimo, tantas vezes recordado e tantas mais a recordar,

Pai Américo não menciona os ataques de fora. As pressões «apertam, mas não afogam», como é timbre de tudo quanto Deus permite; purificam. O grande perigo está nas depressões sofridas no Seu seio — «apostasias, deserções, fraquezas» — que aparecem sempre aonde o homem. Todavia nem elas A tocam. «Nada A diminui.» Prova de razão?... Vinte séculos de história. Prova de Fé?... Dá-no-la o Evangelho: «Só Ela tem promessas de Vida Eterna.»

Este é o Mistério da Igreja: Constituída por homens pecadores... e santa!

Depositária da Verdade porque tem Cristo consigo, nem por isso se julga senhora d'Ela. A Verdade é infinita e a Igreja gravita em torno d'Ela. Cada geração vê-Lhe uma face e amplia e corrige a visão das gerações antepassadas. Nunca está na posse plena. Crescer é o verbo da vida. Ela tem a cons-

ciência disso. Por tal não repudia nem teme a Sua condição de Povo de pecadores em caminho de perfeição. Até ao fim do Tempo será assim. Só «parar é morrer». Tudo o que A estimule a progredir Lhe aparece como bem.

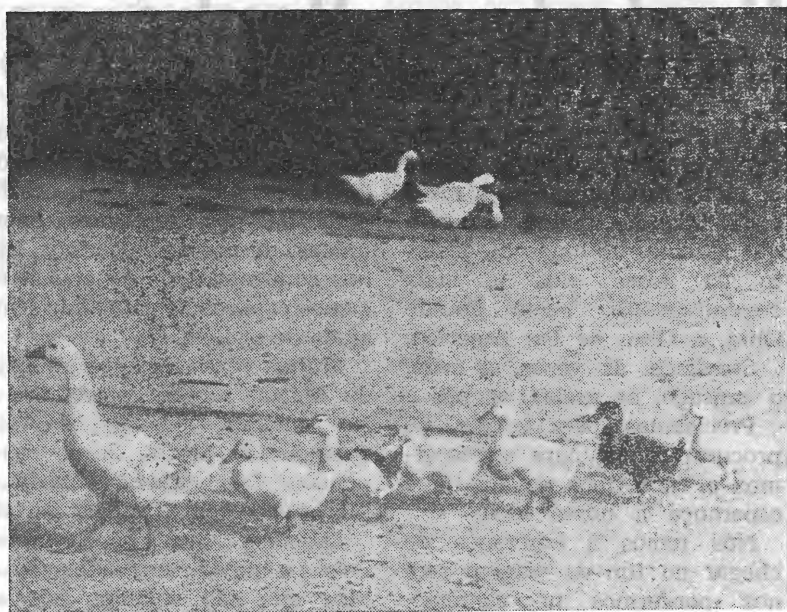
Aí está o papel da contestação a despertar para o reconhecimento dos erros de pensamento ou dos desvios na acção, das humanas fraquezas — de tudo quanto, provindo do homem natural, possa estorvar o seu empenhamento na construção do homem sobrenatural, cidadão idóneo do Reino de Deus.

«Nós somos a seara imensa do trigo e do joio», escreveu Pai Américo a respeito das nossas Comunidades. E poderia dizer-se o mesmo de todas...! Mas é verdade, igualmente, que cada homem é essa seara; e a consciência disso determiná-lo-á a uma vigilância constante para que o joio, perma-

necendo embora até ao fim, não impeça o crescimento do trigo e que seja deste a frutificação dominante. Este estado contínuo de vigília é condição de bem-aventurança, diz o Salmista: «Feliz o homem que o Senhor, quando vier, encontrar vigilante». Dos adormecidos, dos satisfeitos, não reza a história, menos ainda a História da Salvação.

Por isso não é inútil toda a voz que se levanta a pôr em causa o bem que alguém faz, seja ou não seja justa a matéria e a forma da contestação. É que esse bem pode sempre ser melhor. E assim, mais importante do que retorquir a essa voz, é que, a propósito dela, cada um ou cada grupo avive e aprofunde o diálogo consigo próprio na demanda de atitudes íntimas mais puras e de processos mais eficientes para que o joio prejudique cada vez menos o trigo e a seara resulte fecunda como o homem deseja e Deus quer.

Creio que é esta a estratégia do Evangelho, aquilo que o Mestre quis fazer entender aos Seus discípulos quando os exortou a oferecerem a outra face a quem lhes desse só de um lado a bofetada.



Eis os patos mai-los patinhos da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, a nossa Aldeia, que Pai Américo levantou, na década de quarenta, sem orçamentos nem capitalizações, ao contrário das normas do mundo, mas com a partilha de milhares de portugueses anónimos — num esforço heróico, compensado pela sua Fé carismática.

Ufanos da sua beleza natural, os patos mai-los patinhos são remédio, tónico, uma bela *sinfonia* da nossa vida comunitária — do começo da aurora ao pôr do sol.

Razão tem Pai Américo, no seu estilo peculiar, quando afirma: «Ninguém estranha nem se escandaliza com os métodos simples que usamos em casa para curar as enfermidades dos nossos pequeninos, porquanto a criança é simples por natureza. Mais: Todos os pequeninos habitantes que moram debaixo das nossas telhas, são enfermos da alma. Foi por uma maneira muito simples que eles contraíram estes males: andavam sós pelos caminhos. Da mesma sorte aqui hão-de topar a cura — andar bem acompanhados: As ovelhas, as vacas, os patos, as galinhas, as pombas, as rolas, as flores, a beleza do campo e das matas, as estrelas no fundo negro dos céus... são as companhias que os hão-de salvar. Estes elementos da Natureza, usados e saboreados pelo pequenino das ruas, valem mais do que todos os tratados de pedagogia. Nós não queremos berrar ao mundo; pedir que nos leia e acredite. Ele é verdade que nada é novo debaixo do sol, mas há experiências novas. As Casas do Gaiato são essa experiência»

Cantinho dos Rapazes

□ Na mesma cadeira onde Pai Américo, tantas vezes, falou e aconselhou o gaiato «y», acolhi, hoje, as lágrimas da esposa do mesmo.

Quanta angústia nestas lágrimas!

Ele está internado com doença provocada pelo álcool.

O calvário que tem sido a vida desta santa mulher...!

A sua casa sempre arrumada; ele e filhos sempre limpos; ela, aflita, a caminho das ruas onde ele caía e do hospital quando era internado.

Só já lhe brilham os olhos no seu corpo sumido!

«O sal...» — diria Pai Américo. E bem amargo!

Porém, para lá de todo o amargor, podes prender uma linha de sentido. Está atento. Medita em teu coração.

□ No passado ano lectivo, um dos nossos rapazes roubou numa casa de jogos «clandestinos» uma importan-

cia, embebedou-se e foi levado ao hospital.

Guardarei para sempre a imagem bondosa do médico que o tratou, quando me pediu que não o castigasse e lhe desse carinho e vitaminas.

Que vitaminas para que os responsáveis ganhem coragem e não permitam casas de jogos perto das escolas?

Que delas para os que impunemente e às claras exploram a juventude?

Que lei a dificultar a venda de álcool a crianças?

Em qualquer canto os nossos rapazes e os teus filhos podem comprar álcool, tabaco, veneno, publicações pornográficas e horas de jogo com os escudos que são tentados a tirar-nos.

Devemos ir às fontes... E não onde o riacho cai no rio.

□ Em Setúbal, Lisboa, Coimbra e Porto, um esforço

dos Gaiatos mais velhos, e já com família constituída, para se reunirem em Associação que seja família comunitária.

Diz assim o artigo 2.º da de Setúbal: «A Associação tem por fim: Pôr em prática, na vida, os princípios cristãos que Pai Américo nos deixou, dando em toda a parte um testemunho vivo da Obra da Rua, criando e mantendo entre os seus membros um espírito de amizade e fraternidade que leve à verdadeira solidariedade».

Que belo e que alegria no Céu para Pai Américo, quando todas as Associações tomarem forma e forem vida!

O primeiro fruto, assim o desejamos todos, será a reunião da nossa grande Família no dia do Centenário de Pai Américo.

Estamos perto. Que nenhum de nós seja impecilho!

Padre Telmo

PELAS CASAS DO GAIATO

Tojal

REFLEXÃO — São muito belas estas palavras, prova de amor, de carinho e de libertação! Um perdão, uma doação e um ensinamento. Agora que temos uns dias de descanso aproveitemos o tempo e meditemos um pouco: «Primeiro, a minha alegria. A alegria de quem sabe e conhece o terreno que pisa. Luz e certeza dos mistérios. Entrar nos Segredos do Pai Celeste!» (Pai Américo)

S. JULIÃO DA ERICEIRA — «Eu já gozei as minhas férias. Foi muito bom e diverti-me muito com todos os meus amigos. Tomei muitos banhos e joguei à bola.

«Tóio»

«Sempre pensei que durante o período de férias havia algo de importante. Pois bem, como sempre, a colaboração de todos os elementos do grupo, o respeito pelas três senhoras que se ofereceram para ajudar a malta na praia. — Senhor, deixai-me servir! Os responsáveis ajudaram os mais pequeninos assumindo as suas responsabilidades. Passámos uns bons dias de convívio, com amigos e amigas, e sem problemas. Muita paz, harmonia e amor reinaram no coração de cada um. Foram umas férias muito felizes!

«Pistolas»

«Maravilhoso! Eu nunca tinha visto o mar! Tomámos muitos banhos e brincámos muito.

Luís Pereira»

Estamos em S. Julião da Ericeira. Férias ou descanso é uma oportunidade que temos para nos libertarmos da rotina diária e fugirmos para a praia ou para o campo.

«... E Deus viu que a luz era boa; e separou a luz das trevas... E Deus chamou ao (elemento) árido terra, e ao conjunto das águas chamou mares...» (Génesis)

Maravilhoso!

O mar, a areia, as rochas, as ondas, o aroma do mar e dos pinheiros, o sol nascente, o pôr-do-sol, as bonitas vistas — a beleza da Natureza...

Os «Batatinhas» brincam, correm, atiram areia uns aos outros... São a alegria, o sorriso puro, a ternura e o carinho do turno! O relacionamento com pessoas amigas, a simples conversa, o jogo de futebol, a leitura, a música, a intimidade e a preciosa ajuda e colaboração dos mais responsáveis da Comunidade.

Criámos um ambiente saudável, aproveitando descansar fisicamente, psicologicamente. Os banhos de sol e os mergulhos no mar são a festa diária.

Maravilhoso!

Saboreamos aquilo que merecemos depois de um ano de trabalho.

ALEGRIAS — Ao ler n'º GAIATO os «Retalhos de vida» do Bento, o meu coração bateu mais depressa e os meus olhos fixaram-se à notícia por largos minutos. Eis as palavras vocação e oferecimento!

— Jesus, o sol e a chuva não faltam. Os Teus frutos «verdes» estão a amadurecer. A Obra da Rua, de Pai Américo, precisa de sacerdotes, de senhoras e de rapazes capazes de assumir as responsabilidades daquilo que é nosso.

Todos os dias tenho a oportunidade de sentir as aflições e os problemas de mães solteiras, casais divorciados, etc.

O telefone toca:

— Uma criança que...

Olha, Bento, «as Casas do Gaiato são um mal necessário, mas infelizmente cada vez são mais precisas!» Deus te ajude.

AGRICULTURA — Embora alguns companheiros do campo estejam na praia, outros cuidam da agricultura, na quinta. A principal actividade é a apanha dos fenos; outros plantam couves, semeiam feijão, apanham o tomate, a cebola; e regam o milho, o feijão e os pimentos com o novo sistema de rega adquirido há pouco mais de um mês.

PECUÁRIA — Nesta edição os suínos estão no primeiro lugar do pódio. As quatro porcas tiveram 33 porquinhos fortes e «reguilas»!

Oxalá continuem sãos, fortes e «reguilas», pois todos nós gostamos de os ver e já não é a primeira vez que os nossos Amigos, ao verem as pocilgas, afirmam: — Que grandes bichos...!

PEDIDO — O responsável pelo departamento desportivo da Casa do Gaiato de Lisboa, Fernando Félix dos Santos, solicita que me dirija aos nossos leitores, aos clubes desportivos e às entidades ao serviço do desporto, pedindo algumas botas de futebol.

Marquem o vosso «GOOLO!» Esperamos pela vossa generosidade. Muito obrigado!

José Manuel dos Anjos Nunes

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Aquela mulher que mal tem forças para ganhar o pão-de-cada-dia, meteu-se noutros trabalhos com eficácia!

— A casinha está pronta a receber a telha...

Para um nadinha. Ganha fôlego. Suspira. Mexe as mãos nervosamente. Não interrompem. Temos que saber ouvir e compreender o silêncio. Ricos instantes de reflexão! Depois, com um leve sorriso, desabafa:

— Estou à vossa espera... p'ra comprar a telha. Não posso pedir mais dinheiro emprestado...

Tem já a parte que lhe toca. Feliz! Os Pobres contentam-se com muito pouco.

— Oh q'alívio!... Posso telhar a minha casinha, graças a Deus!

● Os processos d'electrificação das restantes moradias do Património dos Pobres foram entregues nos Serviços competentes — cumprindo as normas legais em vigor.

Precisamos d'ajuda. Idêntica à anteriormente concedida às outras casas, pois as baixadas ficam, hoje, muito caras!

Na impossibilidade de nos avistarmos pessoalmente com o autarca mais responsável, pegámos no telefone.

— Entregámos os processos... nos Serviços Municipalizados. Agora, precisa(m) de dar a mão aos Pobres...

— Vou já telefonar para os Serviços...

— Muito obrigado!

Foi assim, sem mais palavras nem taxas nem requerimentos ou papel selado! «Vou já telefonar...»

Os Pobres são promovidos socialmente. Integrados no meio. Em noites d'Inverno não terão mais receio que o pavio ateie fogo à cama, à mobília; que o pitrol (o petróleo) lhes faça mal.

PARTILHA — Lisboa, Av. Madrid, uma nota de mil, Assinante 4456, da Covilhã, um cheque dividido por vários sectores. «Avó de Sintra», 1.000\$00 «para a família do costume». Rua António Nobre, Coimbra, um donativo para ajudar «aquela mãe que ficou só, sem sustento para criar os filhos». Porto, 1.000\$00 de «Uma Alentejana para um casal de velhinhos». Assinante 10159, 400\$00. Mais Porto: «Vai o meu contributo (para a jovem mãe que o marido abandonou) de uma dívida recebida». No Espelho da Moda, 500\$00 de um Vicentino. Outra vez Porto: Rua Eugénio de Castro, 5.000\$ «para ajuda de qualquer necessidade — elas são tantas!» Paço de Arcos, um vale de correio, oferta de «antigas colegas da Gilberta, da Escola Preparatória de Paço de Arcos». E mais outra, posterior, da assinante 3119, que fez parte do grupo. Vilarês (Vila Franca das Naves), 500\$00.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Praia de Mira

FÉRIAS — As férias à beira-mar chegaram ao fim! Também alguns leitores certamente já acabaram as férias e outros ainda as vão começar.

Houve dias maravilhosos de praia, com o sol e o mar a convidarem, exceptuando o princípio de Julho: mais chuvoso e um ou outro dia mais escuro.

Vimos em grupos, pois a nossa casa da praia apenas tem capacidade para um terço da Comunidade total. Os primeiros foram os mais pequeninos. Depois, outros, independentemente da sua classe etária — que fizeram por merecer as férias.

Tivemos bons momentos aqui, na praia, com brincadeiras, jogos, enfim, com aquilo que a nossa imaginação ditava para passarmos as horas «ociosas». Alguns, mais pareciam crocodilos deitados na areia, torrando-se ao sol quando o havia.

O prato mais comum do nosso tempo de férias: peixe. Mas, este ano, foi pouco, o que não quer dizer que não o saboreámos. Em compensação vieram aqui pessoas nossas amigas, quase todos os dias, para nos encherem de mimos e outras coisas mais.

Começámos pelo frango de churrasco, que comemos ao jantar, oferecido por alguém em vésperas de partida e que já anteriormente enchera a boca de pastéis aos nossos rapazes.

Depois, uma aniversariante que, juntamente com a mãe, ofereceu um almoço com um apetitoso «arroz à valenciana» e, no fim, os bolos de aniversário. Todos tomámos parte na festa desta nossa Amiga de treze anos, com uma altura superior a muitos mais velhos do que ela.

Um casal recém-casado quis, também, festejássemos o seu casamento. Mandaram muitas coisas, além de bocados de leitão que faziam crescer água na boca! O «Chola» nem sabe a conta dos que comeu!

Para finalizar, o Padre Pelino, muito nosso conhecido e grande amigo, ofereceu um almoço de lembrar por algum tempo. O sr. João Real foi quem fez a caldeirada, que estava de comer e chorar por mais, embora todos já tivéssemos a barriga bem cheia. Ao almoço estiveram presentes os mordomos das nossas Festas, aqui na praia e em Mira.

O mesmo Padre Pelino já nos tinha oferecido uma sardinhada dias antes.

A acrescentar a esta lista há ainda muitos mais, que, embora não referidos, se lembraram de nós. Retribuímos, com um abraço amigo, a alegria que nos deram.

Cantinho das Senhoras

«Nas veredas do deserto faz da sede esperança viva. Rebeta com o cansaço, olha a terra prometida» — nesta viagem que fazemos ao longo do deserto da nossa vida e, mais concretamente, nesta grande Obra, a Obra de Pai Américo.

Sentimos, às vezes, a sede, o cansaço, as areias, os pés... Precisamos, para vencer, de procurar fontes para refrescarmos e enchermos de alegria e esperança a nossa vida.

Nós temos a esperança de chegar ao fim da viagem sem nos perdermos no caminho. Mas, às vezes, sentimos receios, incertezas, dúvidas...

Dentro da Comunidade fundada por Pai Américo existe um grupo de Senhoras que dedica a sua vida, de alma e coração, à Obra da Rua. Senhoras que — como dizia o Padre Telmo no Retiro do ano passado — se não existissem, a Obra ficaria incompleta.

Um oásis no deserto, se pode chamar ao nosso Retiro, no qual pomos muita esperança, muito carinho. É uma ajuda imprescindível para quem queira trabalhar numa Obra espiritual como a nossa. Ouvi, muitas vezes, do Padre Horácio: «Pai Américo, de vez em quando, em viagem, parava de conversar e dizia: — Agora vou mergulhar... E que grande mergulho o seu!

A nossa casa vai ser, agora, emprestada a outras crianças que só assim têm possibilidade de gozarem a praia e de conviverem em grupo.

Boas férias para todos!

Chiquito-Zé

Paço de Sousa

AGRO-PECUÁRIA — Como todos sabem, já temos vaquinhas, algumas das quais nos dão o leite para as nossas refeições.

Vamos colhendo alguns pepinos para haver salada nas refeições.

Estamos prestes a terminar a colheita da batata.

O milho está viçoso e a vinha, se o tempo for bom, dará um ror de pipas de vinho verde!

CARAS NOVAS — Chegaram mais seis deles!: o Jorge, de Alcochete; o Miguel, da Boavista (Porto); os irmãos Pedro e Daniel, de Custóias (Matosinhos); os irmãos Marcelo e Victor, de Oliveira de Azeméis. Como tantos outros — milhares! — vão aproveitar esta oportunidade, oferecida pela nossa Obra, para serem uns Homens. Outra forma, eles e tantos de nós, que seríamos no futuro!... Deus lhes dê felicidades. E aproveitem a oportunidade...

Manuel Augusto («Chinês»)

Para sermos a continuação das mãos, dos pés, do coração de Pai Américo, temos necessidade de nos sentirmos bem unidas, de nos conhecermos, de nos concentrarmos — pois não somos capazes de caminhar sem ajuda de alguém.

Muitas vezes fazemos o lugar de Marta, sempre atarefada... No entanto, quando ela se queixou de Maria, Jesus respondeu: — Marta, Marta... Maria escolheu a melhor parte!

Sabemos que há sempre coisas a impedir a frutificação... Mas que não sejamos nós a arranjá-las!

Os Retiros são uma ajuda espiritual e humana muito importante. Precisamos de nos sentir cheias para podermos dar aos Outros. E não podemos dar aquilo que não temos. Além de nos ajudarem a conhecer umas às outras, ajudam-nos a a conhecer melhor a Obra da Rua, a conhecer melhor a Deus — a Quem servimos antes de tudo.

Precisamos de mergulhar... Não fiquemos na praia com medo de molhar os pés... É sempre o Senhor que convida, seja qual for o instrumento de que se queira servir para nos chamar.

Até ao dia 3 de Setembro, em Fátima.

Isaura (de Setúbal)



Dizem que nós somos um Povo de poetas. Que seria do Mundo sem Poesia...!? A verdade é que as nossas Comunidades, as nossas Aldeias — integradas no meio, onde imperam a vida, as belezas da Natureza, factores indispensáveis à mudança de comportamento do «Lixo das ruas» — ao longo de gerações têm motivado alguns Rapazes para a divina arte.

CANTINHO DE POESIA

Queridos amigos, companheiros ou irmãos. Fui gaiato durante 15 anos. Quando entrei para a vossa companhia tinha apenas 6 anos e hoje já vou a caminho dos 40. Faz já muito tempo que estou fora do vosso convívio embora nunca tenha estado afastado porque, com verdade o digo, O GAIATO, a Casa do Gaiato estão sempre no meu coração. Quem poderá esquecer o melhor período da sua vida, nessa Casa que Pai Américo criou com tanto amor e sacrifício, para que os Rapazes da rua, pobres ou desamparados, possam ter o seu Céu cá na terra?!

Aí sim, na Casa do Gaiato a vida tem sentido! Vale a pena viver! Por isso, se me permitem, eu gostaria de aqui deixar para todos, gaiatos ou não, uma mensagem poética que escrevi e com muito amor ofereço à Casa que me criou e que eu trago no coração:

Ser forte

Ser forte não é ter força
Para impor a repressão,
Ser forte é fazer amigos,
Ver nos outros um irmão.

Ser forte não é só dar esmola,
Nem se mostrar indulgente,
Ser forte é dar ao Pobre,
Uma vida bem decente.

Ser forte é lutar por quantos
Nossos amigos não são.
É enxugar os olhos deles,
É dar-lhes do nosso pão.

Ser forte é ter a alma
Daqueles que fortes são.
Ser forte é continuar vivo
Quando pára o coração.

Ser forte é ser fecundo,
É mostrar forças ao Mundo
Com a força da razão.

Luís Barros

Amigo e Irmão

Amigo e Irmão...
Que dormes na rua

Ao frio e à chuva,
Acredita na tua sabedoria
E muda de vida.

Amigo e Irmão
Que vives perdidamente
Sem amigos nem parentes,
Acredita na tua amabilidade.
E trata uma árvore com vivacidade.

Amigo e Irmão...
Que trabalhas
Para as amarras...
Da moderna civilização
Sem alegria no coração,
Acredita num mundo diferente
E constrói-o maravilhosamente.

Amigo e Irmão...
Que lutas, vences e sofres
A teu modo
Por uma causa bela e humana,
Acredita nas tuas possibilidades
E não desanimes
Frente às contrariedades.

Amigo e Irmão...
Que és vítima inocente
Da terrível fonte,
Do meio ambiente industrial...
Acredita na vida natural
E serás livremente feliz
Como os animais nos montes.

Manuel Amândio

Noites...

Noites da minha Aldeia,
Noites de doce encanto,
Noites de sonho... sonho agradável!
Noites de lua resplandecente
Mais altas as estrelas
Noites benditas, leves... leves...
Noites belas!
Noites da Casa do Gaiato!
Noites longas, infinitas...
Noites serenas... vagos momentos de
[saude,
Noites onde se dorme
Um sono calmo e descansado!...
Como dorme no berço uma criança,
O seu sono inocente!...
Noites da Casa do Gaiato...

Antero Almeida

A Noite

Numa bela noite de luar,
Descubro as estrelas saltitando
Como que anunciando
A Primavera em flor.

A noite chama a tristeza,
Muitos choram, outros riem
E ninguém sabe porquê,
Eu sinto tanta alegria!

Uma noite inspiradora
Que me faz lembrar alguém,
Desfazendo-me em tristeza
Em profunda saudade.

A noite se vai,
E o meu pensamento
Não deixa um momento,
Meu coração sossegar.

Manuel Henriques

Tema

Quero escrever...
Posso dizer que é Verão,
Que choveu há dias,
O custo de vida aumentou,
A vida no campo é salutar.
Mas não!

Falava na pobreza,
Na desigualdade humana,
Nos grandes discursos,
Nas opções...
Diria que a Humanidade erra,
Deus é esquecido,
O homem é egoísta,
A flor é beleza...
Ouvia o canto das aves,
O ladrar dos cães;
Sentia o picar dos mosquitos,
O vento quente...
Mas não!
Quero escrever
Apenas um poema!

Morgado

4.º volume do PÃO DOS POBRES

O interesse dos leitores pelo 4.º volume do PÃO DOS POBRES — por todas as obras de Pai Américo — não deixaria insensível o mais apático dos homens. São almas em cachão!

Por isso, não há mãos a medir e as edições esgotam no decorrer do tempo.

No último número d'O GAIATO já referimos que o 1.º volume do ISTO É A CASA DO GAIATO — antologia de artigos saídos no «Famoso» sob o mesmo título, com «factos, figuras, acontecimentos, descrições» cuja beleza define o estilo pessoalíssimo de Pai Américo — está a desaparecer da prateleira!

Já programámos a reedição deste e doutros, como o PORTA ABERTA que não tarda a entrar no prelo com uma revisão mais cuidada e outros benefícios para melhor consulta da obra — tão procurada por gente dedicada a trabalhos pedagógicos no meio juvenil. Num rasgo d'Amizade, a Autora do PORTA ABERTA conseguiu sistematizar a Pedagogia de Pai Américo — métodos e vida — expressa nos seus escritos — quais diários da sua acção! «Na aparente desordem das Casas do Gaiato — diz o PORTA ABERTA — há uma profunda sabedoria, um pensamento educativo, um caminho deliberadamente escolhido para atingir um fim: fazer de cada rapaz um homem. E nessa medida pode afirmar-se que o Padre Américo tinha um método educativo. Porém, o que fez do Padre Américo um grande pedagogo não foi o seu método, mas sim a forma como o viveu, a forma como o construiu e adaptou. Talvez, como poucos — acentua a Autora — ele compreendeu que os métodos são apenas um meio de realização de alguma coisa que o próprio método não contém e que sempre o transcende pelos valores que representa».

Aí está um pequenino naco do manjar que serviremos oportunamente!

Voltando à expedição do 4.º volume do PÃO DOS POBRES, as mãozitas do Macieira, do «Engenheiro», do Faustino — que mal teriam onde reclinar a cabeça, seriam «Lixo das ruas»... — todos os dias procedem à embalagem de remessas desta e doutras obras da nossa Editorial; aconchegam nos seus bracitos, rumo aos CTT — num abraço muito apertado — os livros que são chispa na alma, no coração dos leitores.

Oeiras:
«Já li quase todo o livro PÃO DOS POBRES! Cada livro de Pai Américo, que chega, traz sempre qualquer coisa de novo que me faz entrar na minha realidade de pecadora e peço perdão ao Senhor por todas as

minhas omissões — que são tantas! É o eterno adiar para amanhã aquilo que poderíamos fazer hoje!

Peçam ao Senhor por mim, que me torne mais disponível e mais atenta aos Irmãos que precisam de mim...»

Coimbra:

«A minha modesta biblioteca fica mais enriquecida com mais uma obra no conjunto das jóias mais brilhantes que a embelezam.

Todos os livros da vossa Editorial irradiam luz que deslumbra pela sua intensidade, beleza, bondade, doutrina da mais pura e da que mais me toca, convence e entendo.

Quando os leio, sinto-me tão pequenina, tão insignificante, tão imperfeita e tão impura, que chego a sofrer terrível e amargamente!

Neste mundo conturbado em que vivemos, há muito egoísmo, indiferença e materialismo do mais abjecto. A ganância é que impera. O resto não conta!

Embora eu faça uma vida muito modesta e não seja rica, sinto-me, mau grado meu, demasiado presa aos bens materiais deste mundo...»

Alcabideche:

«Foi com grande alegria que recebi os livros que me faltavam para completar a colecção da vossa Editorial.

Embora ainda nova, sou viúva e tenho dois filhos de 10 e 12 anos que são a maior riqueza que o nosso bom Deus me deu. Também eles adoram os livros de Pai Américo ao ponto de discutirem quem há-de ser o primeiro a começar a ler o livro que escolheram!

Bem haja Pai Américo por toda a felicidade que nos proporciona!»

Lisboa:

«Li duma assentada e até já reli o precioso PÃO DOS POBRES.

Envio este pequeno contributo para pagamento (digamos) «físico» do livro porque nada há que pague o Bem que faz moralmente a cada leitor.

Costumo oferecer O GAIATO, que há quase trinta anos recebo, e agora estes livros aos acólitos da minha paróquia. São leituras que se devem espalhar e não guardar em estantes.»

Serpa:

«Recebi o valioso PÃO DOS POBRES. Tenho a colecção completa da vossa Editorial que é um tesouro de conceitos e ensinamentos. Li o PÃO DOS POBRES de imediato, como sempre faço, marcando o que mais me impressiona para depois meditar em segunda leitura, que estou agora fazendo aos poucos para melhor

Cont. na 4.ª pág.

DOUTRINA

● O apostolado das massas pobres e trabalhadoras há-de ser feito com um braço no coração dos grandes e o outro à porta dos pequenos, sempre de rastos, no meio de sacrifícios de que ninguém dê fé; chamando todos pelo seu nome, ouvindo os seus queixumes, conhecendo-lhes a vida, suportando-lhes a ingratidão, deixando-se enganar vezes sem conta, sentindo tudo como quem não sente nada. Se abusivamente nos tiram as botas, pois que levem também as calças; e se maliciosamente nos fizerem andar passos sem número, pois andemos nós léguas sem conta.

● O Reino dos Céus é dos violentos. É precisamente pela violência destas pequeninas coisas que as massas desertoras hão-de reflectir nas nossas boas obras e glorificar depois o Pai Celeste, acreditando finalmente nos sacerdotes e ouvindo os seus ensinamentos. Aquela lição estupenda que me deu um sacerdote à porta da sua igreja, numa confidência toda luminosa, a luz da Graça divina na alma daquele apóstolo: «É convicção minha — disse — que no meio do meu povo eu não tenho direitos, nem regalias, nem privilégios, nem coisa nenhuma; e, quando lhes falo do supedâneo do meu altar, estando alto, sinto-me o mais pequenino de todos». Com infinita e comovedora reverência, beijo a mão desse cura de aldeia que está para servir e não para ser servido, tido em conta de coisa nenhuma, fazendo-se tudo para todos — apostolado!

● Chega-se à noite completamente cansado, nada feito e as mãos sujas!... Pisamos terrenos de que toda a gente foge; lidamos em zonas de muita miséria moral. É preciso sair fora da igreja, combater por todos os lados, perder a vida... para ganhar a Vida.

● Quem, no mundo, escolhe a missão deliciosamente amarga de servir o Pobre, aprende na vida deles coisas que o mundo ignora; e sente a necessidade urgente de amparar crianças de certos lares, onde a vida moral não existe. Nós queremos evitar que estas crianças abandonadas se venham a sentar amanhã no banco dos réus...

● Agora que os homens da nossa Pátria procuram entronizar Cristo nas escolas — o pensamento cristão, dizem — a Obra da Rua dá mais um passo e vai um nada mais longe. Nem símbolo nem pensamento — vida. Jesus veio para que cada mortal que aparece no Mundo, tenha em si a vida d'Ele — o espanto de Nico-demos!

D. Américo!

PARTILHANDO

■ O caso do «Corneto» é o exemplo de todos aqueles filhos que têm pais divorciados: A mãe arranhou outro homem e o pai outra mulher. Ele acompanhou a mãe nos primeiros tempos, mas a presença do padrasto, neste novo lar, causava-lhe tristeza. Um dia o pai visita-o e o rapaz, ainda de tenra idade, diz que quer ficar com ele. Assim foi. Mas o pai tinha, em sua casa, não a mãe mas uma madrasta. Então o pequeno começa a ficar perturbado: foge de casa e não vai à escola. Tornou-se assim um caso com os mesmos direitos que os filhos de ninguém, para poder vir para a nossa Casa — como veio. Aqui viveu durante três anos uma vida calma, sem problemas afectivos e cheio de ocupações positivas: ora na escola, ora no trabalho — tratando da corte dos cavalos e da vigilância das ovelhas; e, nos tempos livres de recreio — bolas, piscina e parque recreativo à disposição.

Um dia, o pai e a mãe resolveram «juntar-se» para verem o filho. A mãe: — **Ai, eu pensava que este colégio era como os outros onde eles podem ir passar férias e ter outra vida! Se eu soubesse que ele estava aqui... Eu não gosto! Vejo nos olhos do meu filho que ele está oprimido... O pai: — Olha que não! Esta Casa é diferente de outras; não é bem como dizes...!**

Enfim... A nossa Casa, nós e o «Corneto» sentados no banco dos réus! A viva força, aquela mãe quis levar o filho a passar oito dias com ela e, como eu previ e lho disse, para não mais voltar. Neste caso, assinou um papel, responsabilizando-se... E o «Corneto» não voltou mais! Comigo ficou a imagem daquela mulher que procura ser imagem de mãe, no meio das tormentas deste mar alto que é o seu divórcio!

É quase impossível!... Qual a sua culpa? Nem ela saberá...

A facilidade com que o divórcio é encarado, hoje e aqui, é já consequência da perda de muitos valores importantes. O maior é o de se assumir as responsabilidades perante a sua consciência e a dos filhos. O desequilíbrio afectivo de tantos casais é também reflexo do social. Eis a parcela de culpa que todos têm, ao deixar-se perder a consciência do essencial — do bem ou do mal. O grande pecado dos nossos tempos! Ai, começam os pequenos e grandes conflitos.

A mãe do «Corneto» dizia, mais como desculpa que explicação, esta bonita expressão: — **Sa, padre, Deus é grande.** É verdade! E nós uma imagem Sua — por vezes tão pequenina e desengaçada! Assim é, foi e será para que o homem, tal como é, sinta ânsia profunda da grandeza e graça de Deus. E O procure mesmo, apesar das suas desgraças. Aqui, e talvez por isso, O encontre de verdade. O Evangelho assim o diz.

■ Chegou-nos aqui um casal com uma filhita, vindos de Espanha, para onde emigraram depois de terem regressado de Angola, sem nada de lá nem de cá, após a descolonização. Retornados e emigrantes! E agora? Como lhe havemos de chamar? Gente anónima que sofre e luta quase até à última gota de sangue. E a seu lado um certa indiferença... Oh terrível sofrimento...!

Tinham deixado na fronteira, numa barraca emprestada, os outros filhos menores, que são cerca de meia dúzia. O contrato de trabalho acabara e eles regressam à sua terra natal onde não têm ninguém para os receber. Ficam à porta da fronteira onde esperam dias melhores!... Os pais, desespe-

rados, descem o Douro, batem à nossa porta. Que não queriam nada, nem dinheiro nem esmolas, mas que aceitássemos em nossa Casa dois ou três dos seus filhos. Mais nada. Meu Deus!, desejaria tanto que tudo aquilo fosse mentira ou romance. Mas não, aquelas expressões eram tão duras de dor que a verdade aparecia nua, despida de explicações!

Disseram-me ainda que iriam seguir viagem, sem saberem

bem quem lhes daria a mão para a casa e o trabalho de que tanto precisavam. Falaram de Lisboa como termo da peregrinação. Fim ou começo?! Era ao cair da tarde de um dia de calor de Verão e os nossos Rapazes dirigiam-se para a frescura dos degraus da Capela para rezar. Rezar por todas as crianças que não tendo lugar em sua família de sangue, também não o podem ter na nossa. Como o caso daqueles rapazes — filhos da solidão humana e das injustiças sociais — sem pátria, sem casa, sem pão e sem direcção!... Apenas o pão — pelo trabalho — prometemos procurar.

Padre Moura

Novos Assinantes de O GAIATO

Continuam a chegar novos assinantes! Uns pelo seu pé, outros motivados na própria família, na igreja doméstica.

Pinhão:

«Vim de Lisboa, de casa dos meus filhos. Lá em casa li O GAIATO com muita atenção. Como gostei muito de tudo o que ele contém, quero também ser assinante.»

Tomar:

«A minha tia era uma alma generosa, que muito admirava a Obra da Rua e, por vezes, partilhava das tristezas e dificuldades com que lutam abnegadamente. Para perpetuar, também, a alma de minha tia, quero ficar assinante...»

Albergaria-a-Velha:

«A assinante 2599 lembrando-se de que a leitura d'O GAIATO poderá fazer muito bem (como me tem feito a mim) a seus irmãos de sangue e a suas netinhas, junta um cheque e pede o favor de enviarem o «Famoso» para...»

Outros são inscritos por Amigos, na roda d'Amigos. Tantos!

Odemira:

«Tenho o maior prazer de pedir a fineza de considerarem, a partir de hoje, uma amiga assinante d'O GAIATO...»

Estou a ler o maravilhoso livro PÃO DOS POBRES. Apesar da minha doença nos olhos, vou lendo uma ou duas páginas por dia.»

Carvalhos (Gaia):

«Sou assinante d'O GAIATO e como gosto muito de o ler e apreço imenso a Obra do Padre Américo gostaria que

toda a gente conhecesse o jornal. Por isso, peço para tomarem nota de um novo assinante, pessoa minha amiga...»

Viseu:

«Recebi um aumento na minha pequena pensão. Quero que seja destinado à Obra da Rua, que tanto admiro, para aquilo que achardes mais necessário. Tenho também o prazer de inscrever mais um assinante de O GAIATO...»

Por fim, são os nossos Padres — os Padres da Rua — que vão por aí fora, quando podem, pregar O GAIATO em celebrações eucarísticas dominicais. Deixam inquietação nas almas. Depois, o pequenino morrão — O GAIATO — mantém a luz da Luz todos os quinze dias. Ainda agora o nosso Padre Carlos inscreveu mais de trinta novos assinantes em Santiago de Cacém!

Olhemos para a maior parte da procissão, de todos os pontos do País — e do estrangeiro: Porto e Lisboa, uma data deles; mais Estremoz, Carnide (Pombal), Vilarinhos (Vila Flor), Parada (Bragança), Nazaré, Ancora (Caminha), S. Pedro do Sul, Queluz, Santo António dos Cavaleiros, Matosinhos, Monte da Caparica, Almada, Águas Santas (Maia), S. Pedro da Cova, S. Paio de Oleiros, Vimeiro, Tomar, Odivelas, Póvoa de Lanhoso, Vila do Conde, S. Tiago de Bougado, Azurara (Vila do Conde), Coimbra, Madalena (Gaia), Fânzeres, Vilela (Paredes), Amnéville e Anet (França).

Júlio Mendes

4.º volume do PÃO DOS POBRES

Cont. na 3.ª pág.

apreciar. Várias vezes tive de deixar a leitura porque as lágrimas e a comoção não permitiam a continuação...»

Setúbal:

«Recebi mais uma dádiva que nos deixou Pai Américo! Que bem me sinto ao ler as suas palavras!... O seu estilo pessoal, ao descrever todos os episódios vividos, dá-nos a impressão que estamos a ouvi-lo!

Tenho pena de muitas pessoas não lerem o PÃO DOS POBRES! Que bem faria neste Mundo onde só reina a matéria!

Poderíamos continuar... É uma grande procissão! Mas ficamos por aqui, lembrando, só, aos mais interessados, as obras que temos disponíveis: PÃO DOS POBRES (1.º, 2.º, 3.º, e 4.º volumes); OBRA DA RUA; ISTO É A CASA DO GAIATO (2.º volume); BARREDO; OVO DE COLOMBO; VIAGENS; DOUTRINA (1.º, 2.º e 3.º volumes) — todos de Pai Américo. Mais SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DO PENSAMENTO PEDAGÓGICO DO PADRE AMÉRICO, do Dr. João Evangelista Loureiro.

Júlio Mendes



Director: Padre Telmo

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Depósito Legal: n.º 1239

Tiragem média por edição no mês de Agosto: 54.475 exemplares — sem sobras.